

EDITORIAL

A morte faz parte do dia-a-dia dos profissionais da área de saúde. Ela se faz presente desde o princípio da formação desses profissionais, no estudo da anatomia humana, em discussões teóricas nas áreas de patologia, fisiologia, medicina legal entre outras onde, se não é assunto abordado diretamente (e quase nunca o é...), permeia os conceitos e problemas discutidos. Depois, se mostra muito mais próxima, nas enfermarias, nos pronto-socorros, nos domicílios, “tomando-nos” pacientes com quem conversamos e convivemos, em sua busca por um tratamento. Como a questão não é abordada de forma sistemática, essas experiências são vividas de maneira individual, muda, e com conseqüências variadas por aqueles que, invariavelmente, a enfrentam. Muitas vezes, essas conseqüências são negativas e traumáticas, e, certamente, esse é um dos fatores que contribuem para as dificuldades de natureza psicológica, abuso de substâncias e até suicídios, cuja alta prevalência é fartamente documentada na área da saúde.

Estar face a face com a morte do outro significa encarar a própria morte, e a daqueles que amamos. A cultura ocidental relegou a morte ao horror, ao assunto a ser evitado, distante e de preferência bem escondido. Escondido no hospital e em outros serviços de saúde, onde estamos, e delegados à assistência do profissional de saúde. Como não estar preparados para essa experiência, então?

A única forma de preparo é a discussão da questão em seus aspectos filosóficos, sociológicos, psicológicos e biológicos. A troca de experiências, de forma sistematizada, também ajudaria a enfren-

tar, de forma mais positiva, essa vivência inevitável e traumática.

Por isso foi tão bem vinda a iniciativa da Liga de Assistência Médico-Social do Centro Acadêmico Rocha Lima, de realizar uma jornada multidisciplinar com o tema “Morte: Valores e Dimensões”, em que profissionais de diversas áreas discutiram a morte em seus conceitos e em diferentes etapas da vida, como diz a apresentação do simpósio “não como algo tétrico e horrível, mas a encarando como um processo de transformação, um marco que encerra a vida de todos os seres vivos e que, portanto, deve ser estudado de uma maneira clara e ampla, desarticulada do filtro sob o qual é vista no dia-a-dia das práticas em saúde”.

A morte não deve ser vista como fracasso do profissional de saúde, mas sim como etapa da vida com a qual ele precisa conviver. Além disso, esse profissional precisa ser amparado quanto à vivência pessoal da proximidade da morte e os significados que essa experiência assume que, certamente, são de extrema importância e não podem ser relegados à negação.

O simpósio teve grande freqüência, durante sua realização, com participação ativa e grande envolvimento dos ouvintes. As apresentações foram transformadas nos textos desse simpósio que, espero, sejam lidos, discutidos, e se tornem raízes de um processo de discussão que, quebrando tabus, assumam grande importância (importância que, certamente, merece) na formação dos profissionais da área de saúde.

Prof. Dr. Eduardo Ferrioli
Tutor da Frente de Geriatria da LAMS
eferriol@fmrp.usp.br